

## Discursos raciais e diagnósticos sobre as nações americanas na segunda metade do século XIX em *Conflicto y armonías de las razas de Sarmiento*

Maria Elisa Noronha de Sá<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tem como proposta pensar a questão da raça a partir da análise do livro *Conflicto y armonías de las razas en América* de Domingo Faustino Sarmiento. Nesse texto, o autor elabora discursos raciais que vão configurar-se como diagnósticos sobre o continente e as nações americanas, naquele final de século, quando o conceito de raça ganha terreno com o cientificismo oitocentista e as novas teorias raciais. Esse é um momento no qual as Américas ganham destaque como um grande laboratório, lugar privilegiado de interação biológica, social e cultural entre os diversos grupos que compunham aquelas sociedades, conformando um radical processo de *racialização*. Nesses diagnósticos, a diversidade racial e a mestiçagem foram avaliadas muitas vezes como obstáculos a serem superados por uma intelectualidade desejava por alcançar a civilização e o progresso. O artigo também pretende investigar a temporalização do conceito de *raça* a partir das diversas experiências temporais a ele identificadas (de progresso, atraso, assimetria etc.) e relacionadas a uma concepção de tempo histórico linear e do progresso.

**Palavras-chave:** raça – nação argentina – Sarmiento – mestiçagem – Américas

## Racial discourses and diagnosis on American nations in the second half of the 19<sup>th</sup> century in *Conflicto y armonías de las razas* by Sarmiento

**Abstract:** The article aims to analyze the concept of race and racial discourses produced over the last decades of the 19th century by analyzing the texts of some Latin American intellectuals, especially Domingo Sarmiento, in his book *Conflicto y armonías de las razas en América*. These racial discourses represent diagnoses about the continent and the American nations at the late century when the concept of race gained ground with the 19th century scientism and the new racial theories. That is a moment where the Americas stand out as a great laboratory, a privileged place for biological, social, and cultural

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social (UFF). Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Título da pesquisa em andamento: “Discursos raciais e diagnósticos sobre as nações americanas na segunda metade do séc. XIX”. Órgão financiador: Bolsa Produtividade CNPq PQ2 e Bolsa Faperj APQ1. ORCID: 0000-0002-9408-4975. E-mail: [maisa@puc-rio.br](mailto:maisa@puc-rio.br).

interaction between the diverse groups that made up those societies, forming a radical process of *racialization*. In these diagnoses, racial diversity and miscegenation were generally evaluated as major obstacles to be overcome by an intellectuality willing to achieve civilization and progress. The article also seeks to investigate the temporalization of the concept of race, from its various temporal experiences (progress, delay, asymmetry, etc.), related to a linear and historical conception of time.

**Key words:** race – Argentinian nation – Sarmiento – miscegenation – Americas

Artigo recebido em: 26/02/2022

Artigo aprovado para a publicação em: 08/04/2022

## **Cientificismo oitocentista, novas teorias raciais e racialização nas Américas no séc.**

### **XIX: considerações iniciais**

Ao longo do século XIX, as Américas se constituíram em um rico e vasto laboratório político ao viverem experiências inovadoras e, muitas vezes, inéditas, de revoluções de independência, de construção de nações e identidades nacionais, que resultaram em profundas transformações em todos os âmbitos, em especial na linguagem política e nas percepções sobre o tempo. Nessas experiências, as ideias de *civilização* e *barbárie* estiveram sempre presentes, permeando discursos e ações, aparecendo como eixos centrais da representação das nações americanas no período, muitas vezes na forma de um dilema a ser enfrentado. Em um primeiro momento, essas ideias apareceram fortemente relacionadas às condicionantes do meio natural e ao peso que as determinações geográficas ou climáticas tinham na constituição das nascentes nações americanas. Isso vai mudando e, nas décadas finais do século XIX, o discurso racial ganha centralidade, passando a concorrer com a natureza na determinação das diferenças entre as sociedades humanas.

Depois de mais de meio século de experiências de construção e consolidação das nações americanas, mergulhados no contexto do cientificismo e das teorias evolucionistas e raciais, os projetos e diagnósticos elaborados por letrados, políticos e homens de ciência se concentrarão no papel das raças e na sua determinação no grau de civilização alcançado no presente e nas projeções de futuro. É nesse contexto que a questão da mestiçagem, associada quase sempre às ideias de decadência e degeneração, impõe-se como tema central, remetendo a impasses e questionamentos cruciais diante do dilema de conciliar

uma realidade social de ampla miscigenação com a crença na civilização como valor essencial e necessário à construção de uma nação e de seu povo. Estaria essa América mestiça condenada à barbárie, comprometendo irremediavelmente qualquer esforço de civilização, como afirmavam muitos dos autores que haviam nos visitado, como Agassiz e Gobineau? Ou seria possível por meio do branqueamento ingressar no caminho da regeneração, do progresso e da civilização? Em suma, seria possível conciliar miscigenação com progresso e civilização?

O conceito de raça já era utilizado e conhecido desde o século XVII na Europa, mas é no século XIX que ele ganha relevância e centralidade, principalmente com o cientificismo oitocentista e com a ampla divulgação das novas teorias que combinavam antropologia, fisiologia, evolucionismo e racismo científico. Até o século XVIII, a noção de gênero humano possuía um significado totalizante, que englobava todos os povos conhecidos, apesar destes estarem repartidos de maneira absolutamente assimétrica entre os bárbaros ou pagãos, que viviam nas trevas, e os cristãos que viviam sob a luz da civilização. Até então, a palavra raça era utilizada para se referir ao conjunto de descendentes de um ancestral comum, com peso nas relações de parentesco, e não nas características físicas. Porém, deve-se ressaltar que desde a chegada dos europeus à América, o encontro destes com os povos nativos e a consequente colonização produzirão classificações e hierarquias que passarão a justificar as práticas de dominação colonial.

O advento do Iluminismo e da Revolução Francesa, com a sua defesa da igualdade como um direito natural, trará importantes transformações semânticas para o conceito de raça. A partir de então, o que podemos chamar de moderno conceito de raça passará a fornecer a justificativa para a permanência das diferenças existentes entre as sociedades. De modo geral, havia os poligenistas, que defendiam a existência de múltiplos e independentes centros de criação da raça humana, o que explicava as diferenças entre elas e o fato de apenas alguns povos apresentarem aptidões para alcançar a civilização. Dessa maneira, nações como as americanas, que apresentavam um alto grau de mestiçagem a partir da mistura de raças que possuíam origens totalmente incompatíveis, estariam fadadas ao fracasso. E havia os monogenistas, que postulavam a existência de uma única origem para todo o gênero humano. Para estes, o argumento étnico era o que justificava

a diversidade entre os povos, condicionando e estratificando temporalmente as raças, cada uma delas apresentando um ritmo de evolução peculiar – mais lento ou mais rápido –, em direção a um futuro e um destino comuns, que seriam a civilização e o progresso. As sociedades mais desenvolvidas seriam os arianos ou indo-europeus, modelo de civilização e inserção mais avançada no tempo linear do progresso.

Foi apenas no século XIX, sob a égide da ciência, que o conceito de raça deixa de ser definido por meio de fenômenos de ordem religiosa, linguística, jurídica ou cultural, e passa a sê-lo por critérios biológicos e morfológicos<sup>2</sup>. A apropriação social da teoria da evolução das espécies de Darwin terá um enorme peso nessa virada, ao embasar cientificamente a ideia de que a suposta hierarquia racial entre os homens era a expressão de um movimento evolutivo da espécie humana, definida pela sobrevivência dos mais aptos ao maior desenvolvimento de suas capacidades físicas, morais e intelectuais. Isso explicava o porquê da expansão europeia e o seu “natural” domínio sobre os outros povos, já que os brancos europeus estavam na mais avançada posição enquanto os negros e índios encontravam-se nos níveis mais baixos dessa hierarquia.

Obviamente, sendo as Américas, desde os tempos coloniais, um privilegiado espaço de trocas e interações entre variados grupos étnico-sociais, se tornará um grande laboratório para distintos e variados processos de *racialização*. Em finais do século XIX, os progressos da ciência, com seu discurso de autoridade, o conceito de raça, o racismo científico e as diversas teorias raciais europeias gerarão grande entusiasmo entre letrados e intelectuais americanos. Essas ideias serão largamente utilizadas para construir diagnósticos e argumentos que avaliarão as possibilidades reais daquelas nações americanas alcançarem os patamares mais elevados de civilização e progresso no conjunto das nações.

Pensar a questão da raça nesse período, permite ainda trazer à tona reflexões acerca da temporalidade e das experiências temporais vividas pelos homens e mulheres

---

<sup>2</sup> Há uma certa imprecisão quanto à origem do conceito de raça. Segundo Andreas Hofbauer, o termo seria uma derivação da palavra árabe *ra's*, que significaria cabeça, chefe do clã. Para Guido Barbujani, o conceito deriva da palavra *raiz*, que teria passado do italiano ao francês e, posteriormente, ao inglês. Até o século XVIII, as noções de espécie e raça se confundem, não havendo uma definição clara de nenhuma das duas. Alguns autores atribuem a Immanuel Kant, a primeira distinção entre estes termos. No mesmo século XVIII, Carlos Lineu formula a moderna taxonomia sobre as raças.

naquele tempo. A construção das nações americanas, no século XIX, se dá no contexto do devir de um novo tipo de consciência histórica, vinculada a uma concepção de tempo histórico linear e do progresso. Tempo que adquire ele próprio uma qualidade histórica, que se dinamiza como uma força da própria história. Uma história concebida como singular coletivo, que passa, então, a realizar-se não apenas no tempo, mas através do tempo, percebido ele mesmo como fator de mudança, como uma condição necessária de transformação. Foi esse novo conceito de tempo, surgido a partir da segunda metade do séc. XVIII, que permitiu a emergência das experiências do progresso, da anacronia de histórias diferentes que ocorrem em um tempo cronologicamente idêntico, no qual a simultaneidade do não simultâneo passa a ser a experiência básica de toda a história que pode ser então interpretada universalmente (KOSELLECK, 2006).

A história é, assim, temporalizada, passando a exigir um ordenamento segundo critérios temporais colocados sob a alternativa de progredir ou conservar, recuperar o tempo ou torná-lo mais lento. Uma história cuja nova dinâmica exige categorias temporais de movimento, sempre voltada para o futuro, um futuro aberto, inteiramente novo, diferentemente do que ensinava toda a história anterior, mas que segue um curso linear do progresso em direção à civilização. Isso tem implicações importantes no terreno político e social, pois “a história universal se converte em um tribunal universal” (KOSELLECK, 2006), que indica o desenvolvimento que se deve seguir, o progresso que deve ser impulsionado ou freado, segundo a posição que se adote politicamente no espectro dos possíveis projetos de futuro.

É com base também nessas reflexões sobre o tempo que formulo mais algumas questões. Como pensar as novas nações que se constituíam nesse contexto e que deveriam fazer parte do rol das nações civilizadas, mas tinham, para isso, que superar a herança da colonização ibérica, a natureza selvagem, o vazio, a ausência de leis, o peso da população majoritariamente ameríndia e escrava, o “tempo do atraso”? O conceito de *raça* parece ser capaz de expressar bem os desafios dessas nações que pareciam condenadas a se inserirem no tempo linear e acelerado do progresso e da civilização, mas que traziam em si as marcas do atraso, da barbárie, da selvageria. Seria possível superar tal dilema?

A hipótese é de que o conceito de *raça*, como todos os conceitos políticos nesse período, sofre uma temporalização, e, estreitamente vinculado aos conceitos de *civilização* e de *barbárie*, será amplamente utilizado como categoria central nos diagnósticos sobre as nações nas Américas. Na maior parte das vezes os discursos raciais aparecem fortemente associados a diagnósticos negativos e pessimistas, que justificariam a barbárie, a desordem, a selvageria, o atraso e mesmo a impossibilidade de as nações latino-americanas alcançarem o patamar de civilização das nações europeias. Já outras aparecem associadas a uma singularidade carregada de promessa, de possibilidades de alcançar a civilização, o progresso, a ordem e a modernidade, muitas vezes via branqueamento. Em suma, o conceito de raça aparece, assim, temporalizado, carregado de projeções, imaginações, expectativas, valores e relacionados a diferentes temporalidades e experiências temporais, mas sempre parecendo colocar aquelas sociedades “fora do tempo” ou em um tempo “atrasado” em relação ao tempo acelerado das nações civilizadas. Uma experiência temporal da simultaneidade do não simultâneo, da anacronia de histórias diferentes que ocorrem em um tempo cronologicamente idêntico (KOSELLECK, 2006).

### **Discursos raciais e diagnósticos sobre as nações americanas em “*Conflicto e Armonia de las razas en América*” de Domingo Faustino Sarmiento**

Partindo dessas considerações iniciais, a proposta deste artigo é pensar o papel central que a raça desempenhou na construção das nações e identidades nacionais nas Américas, em especial na Argentina, nas últimas décadas do séc. XIX, a partir do estudo da obra *Conflicto y armonías de las razas en América*, de Domingo Faustino Sarmiento. O livro foi publicado em dois volumes, o primeiro com o autor ainda vivo, em 1883, e o segundo postumamente, na edição de suas *Obras Completas*, organizada por seu neto, A. Belin Sarmiento, em 1900.

No prólogo em forma de dedicatória endereçada a Mrs. Mann<sup>3</sup>, Sarmiento anuncia logo no início que o objetivo do seu livro *Conflicto y armonías de las razas*<sup>4</sup> é examinar “*la fisionomia de nuestros pueblos sud-americanos*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p.7), a partir da análise dos efeitos da colonização nas Américas. Em outra carta, de dezembro de 1882, à mesma Mrs. Mann, estabelece uma ligação entre este livro e sua obra cardeal, o *Facundo*, com a intenção de emprestar-lhes uma unidade de orientação: “*tiene la pretensión este libro de ser el Facundo llegado a la vejez... Es o será, si acierta a expresar mi idea, el mismo libro, científico, apoyado en las ciencias sociológicas y etnológicas modernas (...)*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 319 e 320). Apresenta-os como um pensamento em duas etapas, em cada uma colocando em relevo os grandes fatores da evolução histórica das sociedades argentina e hispano-americana. Na primeira, seu livro *Facundo*, de 1845, predomina o estudo do meio físico e social como determinantes para explicar a evolução social e a história argentinas como o resultado do conflito entre a civilização e a barbárie. Na segunda, quase quarenta anos depois, generalizando suas análises para toda a América espanhola e apoiado no pensamento científico da época, sua interpretação enfatiza a questão racial e o diagnóstico de que os males desses países estavam radicados na mestiçagem “*gaucha*” de indígenas e espanhóis.

Ainda na dedicatória, depois de analisar a situação econômica e política da Argentina da época e constatar que nela ocorreram notáveis progressos, “*prodígios de transformación al punto de no saberse en Buenos Aires si estamos en Europa o en América*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p.11), ele amplia sua análise para o resto da Hispano-América. Afirma que apesar das grandes disparidades entre as nações, era possível constatar muitas analogias que o levam a constatar a existência de uma

---

<sup>3</sup> Mrs. Mary Tyler Peabody Mann (1806-1887) era professora, escritora e viúva de Horace Mann, reformador, educador e político americano da educação. Sarmiento conheceu-os em 1846, em sua primeira viagem aos Estados Unidos, e tornou-se grande amigo do casal. Ela traduziu a obra *Facundo* para o inglês. Mesmo após a morte do marido Sarmiento continuou se correspondendo com Mrs. Mary Mann que foi de fundamental ajuda no projeto dele de trazer para a Argentina professoras norte-americanas.

<sup>4</sup> Em um artigo publicado no *El Nacional*, em 10 de agosto de 1883, Sarmiento dá interessantes informações sobre a publicação e circulação do primeiro volume de *Conflicto*. Diz ele que a edição foi de mil exemplares e informa quantos exemplares foram vendidos nas províncias argentinas, Tucumán, 56; Jujuy, 36; Salta, 40; Santiago del Estero, 56, Córdoba, 10; Corrientes, 2; San Luis, 41; San Juan, 25; Mendoza, 25; Rioja, 12; e Montevideu, 50 e Chile, 8.



espécie de tendência geral dos fatos a tomarem uma mesma direção na América espanhola. Essa tendência estaria fortemente ancorada no que ele diagnostica como o “conflito de raças na América”, que nasce a partir da sua observação da influência das raças na história das Américas e do espírito distinto que as caracteriza. Assim, *Conflicto* seria sua tentativa de escrever uma nova história da América (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 23). Para isso, teria se baseado no acúmulo das experiências vividas ao longo da sua vida, inclusive suas muitas viagens e períodos em que viveu em outros países, e da leitura de inúmeros autores clássicos, antigos e modernos, que cita largamente – Buckle, Agassiz, Wilson, Prescott, Tocqueville, Scott, Taine, Spencer, entre outros – e que davam autoridade às suas ideias, como ele próprio admite (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 23).

Este é um Sarmiento no final de sua vida e que havia vivenciado inúmeras tentativas fracassadas de consolidação de um estado nacional na Argentina. Seu pessimismo e desilusão estendiam-se, assim, para toda a América do Sul e levaram-no a estabelecer um diagnóstico bastante crítico para o continente. Tendo como base o discurso racial, parecia crer que o progresso, a civilização e o estabelecimento da democracia na América de colonização espanhola eram, ao fim e o cabo, incompatíveis com a sobrevivência e existência dos nativos indígenas. Ao mesmo tempo, como veremos, havia alguma expectativa na possibilidade de um futuro possível, principalmente para aqueles países, como a Argentina, que apostassem na educação e na imigração branca europeia, regenerando, via branqueamento, a herança racial e os problemas advindos da colonização espanhola.

A Argentina das décadas de 1870/80 viveu um intenso processo de modernização que provocou profundas transformações políticas, sociais, econômicas e territoriais<sup>5</sup>. Os desafios de constituir uma nação política sob um estado republicano e uma sociedade civil que desse base para esta nação, e de solucionar a difícil relação entre Buenos Aires e as províncias estavam na ordem do dia. Esse também foi o período no qual ocorreu a expansão do domínio formal do estado argentino sobre os territórios dos pampas e da

---

<sup>5</sup> Sarmiento deixa a presidência da república em 1874, é sucedido por Nicolás Avellaneda (1874-1880) e Julio Rocca (1880-1886).



Patagônia, que trouxe para o primeiro plano a necessidade de resolver a “questão indígena”. Muitas foram as propostas e os projetos de incorporação definitiva desses territórios ocupados pelos nativos que resistiam há muito à consolidação do projeto nacional *criollo* em seus territórios soberanos (SEIXLACK, 2014). No ano de 1879, o general Julio Rocca realizou a famosa *Campanha do Deserto*, uma cruel ofensiva militar que, utilizando-se da justificativa da inferioridade da raça indígena e da necessidade de levar a civilização e o progresso a toda nação, promoveu a extinção física de milhares de indígenas. Logo depois, quando assume a presidência, em 1880, Julio Roca promoverá a apropriação definitiva dos territórios até a Patagônia, submetendo pela força os últimos caciques soberanos de origem araucana.

Nesse sentido, é fundamental chamar a atenção para a estreita relação que podemos estabelecer entre a conjuntura dessa tumultuada década de 1880 e a publicação de *Conflicto y armonías de las razas en América*. Sarmiento, durante toda a sua vida, havia se envolvido profundamente com as questões da nação argentina e, nesse contexto, influenciado pelas teorias evolucionistas e pelo cientificismo da época, não deixará de elaborar ideias e hipóteses que poderiam, mais uma vez, gerar impacto naquele ambiente intelectual e político específico.

Na introdução que deixa pronta para o segundo volume, escrita em 1888, retoma e explicita mais uma vez os objetivos centrais do livro *Conflicto*, admitindo que a obra tinha marcadas tendências políticas, o que justificava a demora na publicação deste segundo tomo. Como vimos, a Argentina estava vivendo mudanças políticas importantes na década de 1880 e ele acreditava que o livro poderia interferir nesse contexto. Demora-se também defendendo-se de um possível plágio das ideias de Eben G. Scott, que havia publicado na mesma época o livro *Development of the Constitutional liberty in the english colonies of América*, no qual analisava as origens da constituição norte-americana, defendendo-se que estas se encontravam mais na herança advinda da Reforma Protestante e na tradição do republicanism inglês que no gênio dos constituintes. Ele se compara a Scott, dizendo que ambos estão reescrevendo uma valorização da constituição norte-americana e buscando explicar os elementos que constituem as suas sociedades atuais.

Poner ante los ojos del lector americano los elementos que constituyen nuestra sociedad; explican el mal éxito parcial de las instituciones republicanas en tan grande extensión y en tan distintos ensayos por la resistencia de inercia, que al fin desenvuelve calor en lo moral como en lo físico, señalar las deficiencias y apuntar los complementos, sin salir del cuadro que trazan a la América sus propios destinos, tal es el objeto de *Conflicto de las razas en América* que presento al público y que reclamo sea lido. (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 415)

Afirma que o plano do livro “*no hace historia, sino que pretende explicar la historia*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 3). Nesse sentido, seguindo José Ingenieros em importante ensaio sobre o livro, pode-se afirmar que Sarmiento seria um verdadeiro filósofo da história, ao descrever no *Facundo* o conflito entre o passado, colonial e bárbaro, e o futuro, argentino e civilizado, e depois no *Conflicto* ao tentar explicar aquelas coisas tão bem descritas naquela obra. “*En el primer caso, el filósofo de la historia lo es sin saberlo; en el segundo, aspira a serlo conscientemente*” (INGENIEROS, 2016, p. 16). Ingenieros também diz ser esse livro uma feliz tentativa de estudo sociológico, – colocando Sarmiento ao lado de Echeverría e Alberdi, que também teriam escrito obras precursoras da moderna sociologia argentina –, ao tentar elaborar uma interpretação sintética da origem, evolução passada e tendências evolutivas futuras das sociedades argentina e hispano-americanas. A formação da nacionalidade argentina e de todos os países americanos, primitivamente povoados por uma raça inferior era, em sua origem, um simples episódio da luta entre as raças e da adaptação destas às condições geográficas da natureza física. Deprendendo-se daí a expansão e a progressiva preponderância da raça branca e de sua civilização, que melhor teriam se adaptado às condições do meio ambiente.

O primeiro volume começa com Prolegômenos e divide-se em nove capítulos e mais alguns apêndices. Sarmiento inicia perguntando-se o que seria a América, quem seriam os americanos e se existiria uma nação argentina, para em seguida responder que não são europeus, nem indígenas, nem mestiços, e nem propriamente uma nação, pois não há “amalgama de materiais acumulados”, não há um todo homogêneo. Chama a atenção para a poderosa influência que o meio exerce sobre os seres humanos que apresentam diferentes aptidões e capacidades que determinarão variações de raças, espécies e até de gêneros.

O capítulo 1, intitulado “Etnologia americana”, traz uma análise do conflito das raças na América colonial. Ele examina a difusão, a psicologia e a mestiçagem das raças quéchua, guarani e arauco-pampeana e, como fator acessório, estuda a importação para a América da raça negra, cuja influência foi mais acentuada no Brasil, em Cuba e na América do Norte. Os três ramos da raça indígena são apresentados hierarquicamente, segundo seu grau de obediência e docilidade. Os quéchuas, que já haviam sido submetidos pelos Incas, ofereceram pouca resistência à dominação dos colonizadores espanhóis e eram os mais dóceis; os guaranis estavam em um estágio intermediário, nem ferozes nem tão mansos, já os arauco-pampeanos eram os mais indômitos, menos aptos à civilização e os que mais resistiam à submissão.

Deve-se notar que são exatamente os arauco-pampeanos, descritos por Sarmiento como selvagens, preguiçosos, ignorantes, arrogantes, belicosos e nômades, que mantiveram seus domínios territoriais e representavam os maiores obstáculos à incorporação definitiva das terras austrais à jurisdição do Estado nacional argentino. Dessa forma, o argumento da raça ajudava a legitimar as campanhas de ocupação desses territórios e o extermínio de seus habitantes levados adiante no período. Quanto à raça negra, pensa que ela entrou como um elemento da liga do metal que dá origem ao povo americano, mas dá a entender que a tendência é que o tempo, “*la naturaliza misma, la acción secreta y latente de las afinidades y de las repulsiones*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 73), vá fazendo com que ela desapareça.

Segundo ele, a colonização hispânica pôs em contato duas raças ou grupo de raças – os indígenas e os brancos caucasianos –, que representavam distintas etapas da evolução humana: os brancos que haviam alcançado um grau de desenvolvimento cultural, político e econômico superior, e os indígenas, entre os quais somente alguns grupos organizados em impérios teriam alcançado algum grau de civilização. Nesse primeiro conflito, a civilização branca venceu e se impôs às raças americanas. Aqui a mestiçagem aparece como o resultado laborioso e gradual da submissão e posterior assimilação, em uma mistura na qual foram predominando socialmente os elementos étnicos superiores da raça conquistadora. O predomínio só se tornou efetivo com os descendentes mestiços que, nas

décadas iniciais do século XIX, concentravam-se nos centros urbanos, concebendo e consolidando a revolução de independência.

Essa análise o encaminha à conclusão de que as raças indígenas têm uma incapacidade moral, intelectual e imanente de participar de um governo republicano e representativo, baseado na vontade da maioria. Por isso defende que para seguir os destinos prósperos e livres da outra América, a do Norte, seria preciso nivelar-se com outras raças brancas europeias, o que já estava sendo feito pela imigração, que assim corrigiria o sangue indígena “*con las ideas modernas, acabando con la edad media*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 414).

Nos capítulos seguintes, dedica-se a estudar a colonização espanhola: os cabildos, a fundação de cidades, o direito e a administração coloniais; a Inquisição como instituição civil e as ideias retrógradas hispano-coloniais; a raça branca e a bagagem intelectual dos colonizadores; a situação da Espanha imperial e a psicologia dos espanhóis ao empreender a Conquista; a degeneração política e moral da metrópole por obra de seus governantes teocráticos, os efeitos de seu fanatismo religioso e de sua política colonial e o Vice-Reino de Buenos Aires e os germes da dissolução. Afirma que o isolamento geográfico da Espanha, somado a fatores como a expulsão dos árabes e judeus, – verdadeiros “focos de luzes” – e a Inquisição, se refletiram em um isolamento temporal no passado e no plano de ideias, impedindo-a de viver a modernidade experimentada pelo resto da Europa. E mais grave: tal isolamento teria se reproduzido no seu processo de colonização.

Esse estudo dos efeitos da colonização espanhola na América do Sul adquire maior significação ao mostrar seu contraste com a colonização inglesa na América do Norte, que ele examina na terceira parte do livro. No capítulo VI, “*Migraciones sintéticas hacia Norteamérica*”, Sarmiento analisa os costumes, as ideias e a moral dos puritanos, Quackers, cavaleiros e pais peregrinos, que se estabeleceram na América do Norte, trazendo a civilização e estabelecendo as bases para a sua futura constituição política e social. Aqui reaparece a profunda influência de Tocqueville, presente em sua obra desde o início de sua vida pública. O resultado dessa comparação é a constatação da evidente inferioridade da raça espanhola, causa de todos os males sul-americanos. Nas Américas

formaram-se, assim, dois ambientes sociais essencialmente diferentes por seus costumes, sua moralidade, seus sistemas de produção, seus ideais políticos etc. A causa seria uma diferença étnica – no Norte estavam os elementos étnicos superiores e no Sul as raças submetidas – que corresponde a uma diferença de civilizações e, mais especialmente, a uma desigual evolução das metrópoles, continuada e reproduzida em suas colônias na América. Deve-se ressaltar que aqui Sarmiento estabelece uma diferença no grau de civilização alcançado no interior mesmo da raça branca europeia conquistadora, advinda de um descompasso entre espanhóis e ingleses no que diz respeito às suas etapas de evolução. As raças aparecem aqui como fatores concretos na determinação da estrutura social.

Cada raça, em função de seu meio, se traduz por costumes e instituições determinadas. Enquanto no Norte uma raça europeia, pura e modernizante, engendra uma sociedade europeizada, no Sul, uma raça medieval e reacionária se mescla com a indígena para constituir um conglomerado anárquico em que se somam o pior de ambas. A diferença étnica corresponde assim a uma diferença de civilizações. Percepção esta típica de um homem como ele, inserido no tempo histórico linear moderno do progresso, que permitia a experiência temporal da assincronia na sincronia, da simultaneidade do não simultâneo.

Sin embargo, el hecho que queremos hacer notar para distinguir nuestra colonización autoritaria, militar, semibárbara y salvaje de aquella otra libre, espontánea, y bajo cartas que fijan claros principios de gobierno, es el que muestra toda la colonización norteamericana. (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 236).

Sarmiento também analisa a influência das raças na constituição política de ambas Américas. Os antecedentes étnicos explicam, segundo ele, a desigual atitude de cada uma para com o uso da liberdade política, a prática da democracia e o desenvolvimento de instituições livres. As colônias da América do Norte já eram, desde a independência, capazes de governar-se a si próprias, pois traziam a experiência de séculos de autogoverno e de prática de um regime representativo, estando maduras para desenvolver a democracia. Já nas colônias hispano-americanas, a elite *criolla* que substitui o “desgoverno espanhol” não trazia nenhuma experiência nem capacidade de organizar

novas nações e, como afirmava desde o seu livro *Facundo*, não formavam uma comunidade de interesses comuns, não constituíam uma *res pública*.

Assim, enquanto no Norte uma grande nação surgiu como consequência natural de seus antecedentes étnicos e políticos, no Sul se anunciavam a anarquia e o caos. “*El feudalismo español se continúa en el caudillismo americano; las masas indígenas y mestizas constituyen la materia política que manejan los caudillos*” (INGENIEROS, 2016, p. 33). Os indígenas são a barbárie gaúcha contra a civilização urbana europeia, representada pelas minorias de raça branca. Já na América do Norte, os brancos não se misturaram com os indígenas nem com os negros, e a raça conquistadora introduziu a virtude do trabalho e a valorização da comunidade de interesses. A colonização espanhola diz Sarmiento, se distingue “*en que la hizo un monopolio de su propia raza, que no salía de la Edad media al trasladarse a América y que absorbió en su sangre una raza prehistorica servil*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 413).

Outro importante aspecto a ressaltar no diagnóstico que faz Sarmiento sobre as diferenças existentes entre as duas américas é o fator religioso. A Espanha representava a Europa medieval, teocrática e feudal, da Inquisição, que havia resistido à Reforma e ao Renascimento; já a Inglaterra era a Europa moderna e protestante, do progresso, da democracia e da liberdade, que havia passado pela Reforma Anglicana.

O IX e último capítulo, “*Los indígenas a caballo*”, é uma representação metafórica forte, bem ao estilo de Sarmiento, elaborada para descrever a formação social dos caudilhos e das montoneras que tem como base a união da raça indígena com os mestiços e caudilhos. Os indígenas a cavalo se convertem na imagem dos inimigos da civilização europeia, de maneira que em certos momentos do conflito entre as raças, a barbárie predomina sobre a civilização e a herança espanhola triunfa com os caudilhos que lideram exércitos de índios e mestiços.

A segunda parte da obra, publicada postumamente no volume XXXVIII de suas *Obras Completas*, foi organizada por seu neto, Augusto Belin Sarmiento, a partir dos fragmentos deixados por Sarmiento. São dezenas de curtos escritos que tratam na sua maioria de temas relacionados ao passado da nação argentina: a organização do vice-reinado do Prata, no qual critica o espírito retrógrado e clerical da administração

espanhola e examina seus efetivos militares (rendas e exércitos); o episódio das invasões inglesas de 1806 e 1807 e os efeitos da resistência *criolla*; a independência e a dissolução do vice-reinado do Prata, com uma análise das causas geográficas e administrativas que se opunham à sua unidade e foram a base do espírito localista (País Quíchua, Charcas, Potosí, Santa Fé, Entre-Rios, Cuyo, Las Misiones); o surgimento dos caudilhos e a participação dos indígenas nas montoneras; a população de Buenos Aires; as origens da civilização argentina; as universidades; a educação pública em Buenos Aires; o constitucionalismo e o voto na América do Sul; e o cristianismo nas Américas, no qual compara a cultura e a moral da Reforma Protestante com as do Catolicismo, reafirmando a importância decisiva desse fator na determinação da civilização ianque e da barbárie hispano-indígena.

Desses apontamentos que permaneceram para esse segundo volume inconcluso da obra, é possível perceber duas ideias básicas que perseguem a Sarmiento como explicação de todos os males que pesaram sobre a América do Sul: a herança espanhola e a mestiçagem indígena. E o remédio para eliminar esses males seriam, como já dito, a educação pública e a imigração europeia. Tratava-se, assim, de assimilar a cultura e o trabalho das nações europeias mais civilizadas, regenerando o primitivo sangue hispano-indígena com uma abundante transfusão de sangue da raça branca. Os termos degeneração e regeneração tomam aos poucos o lugar antes ocupado pelo conceito de evolução, que vai deixando de ser entendida como obrigatória.

E essa fórmula, segundo Sarmiento, parecia estar dando resultados positivos na república Argentina. Ele afirma que a nação argentina foi a que mais recebeu e aprendeu lições da América do Norte, a que mais se esforçou para propagar a instrução pública e em que a imigração europeia ocorreu em maior escala. “*Aun con las imperfecciones de una práctica irregular, hemos llegado a un grado de cultura, de riqueza, de población, que nos coloca en la categoría de los pueblos más adelantados de América*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 20). A “europeização” parecia já um fato realizado, capaz de sobrepor a cultura e a economia modernas à herança medieval advinda da colonização hispânica. Naquela nação, o conflito entre as raças parecia estar dando lugar à harmonia, “(...) *lo que muestra el camino que nosotros llevamos andando en la*



*armonía de las razas, despues de su conflicto*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 16).

Na nação Argentina estaria assim ocorrendo o tão projetado horizonte de expectativas: a futura regeneração da América Latina e a sua nivelção com a outra América, a do Norte, corrigindo o sangue indígena com as ideias modernas vindas com os brancos europeus. Por isso, ele finaliza essa conclusão com um famoso trecho: “*No detengamos a los Estados Unidos en su marcha; es lo que en definitiva proponen algunos. Alcancemos a los Estados Unidos. Seamos la América, como el mar es el océano. Seamos Estados Unidos*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 421).

Em meio a um diagnóstico bastante pessimista e duro sobre o presente das nações de colonização espanhola, cujas populações traziam a marca das raças indígenas “*primitivas, prehistoricas, destituídas de todo rudimento de civilización y gobierno*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVIII, p. 420), o velho Sarmiento reafirma sua crença na possibilidade de essa América alcançar um futuro de civilização e progresso, “*(...) porque es seguro e infalible el progreso de la inteligencia en todas ellas, aun las mas retardatárias (...)*” (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 206). Para isso, ele afirma ter dedicado sua vida, e como para justificar sua trajetória, reafirma o papel da educação e da escola como meios para alcançar a plena vida social e o pleno gozo dos direitos políticos, e o papel da imigração para povoar o deserto da nação argentina.

### **Experiências temporais e temporalização do conceito de raça**

Como já apontado, o conceito de raça passa nesse período por um processo de temporalização, adquirindo com a ideia da miscigenação e do branqueamento, uma carga semântica voltada ao futuro. Reinhart Koselleck já sublinhara que os embates semânticos em torno dos conceitos modificam também a estrutura temporal que lhes é interna, de forma que, particularmente na Modernidade, para além de certo conteúdo de experiência, os conceitos passam também a ser depósitos de expectativas projetadas sobre um tempo futuro ainda não realizado empiricamente (KOSELLECK, 2006, p. 267–305). É nesse sentido que eles adquirem um “denominador temporal”, e, assim, tornam-se instrumentos de controle do movimento do tempo histórico.

Com relação à questão da temporalidade e das experiências temporais, podemos dizer que em *Conflicto y Armonías* a compreensão do passado, do presente e do futuro da América tem como elemento estruturante a atribuição de condições temporais diversas não só às raças, mas também aos países situados no continente. É ordenando o(s) tempo(s) no plano das raças e das nações que a heterogeneidade do continente parece ser subsumida em um quadro explicativo mais amplo, o que permite a Sarmiento, por exemplo, atribuir aos Estados Unidos e depois ao seu próprio país, a Argentina, uma condição temporal excepcional frente às demais nações sul-americanas.

Como já apontado, ainda que se pudesse, desde a colonização, hierarquizar os povos, e desde o Iluminismo, negar a contemporaneidade do “selvagem” ou “bárbaro” em relação aos europeus, foi com as concepções evolucionistas que se pôde dispor as diferentes raças humanas em um tempo marcado por diferentes estágios de evolução inscritos em um mesmo plano evolutivo. Isso permitiu a Sarmiento, por exemplo, pensar os indígenas como exemplares de uma humanidade “primitiva”, como sobreviventes no presente de uma época delimitada do passado. Sobreviventes que, para muitos dos que operavam nos quadros das ideias evolucionistas, estariam fadados a desaparecer em um futuro breve.

Pero lo que por demasiado sencillo y por ser de ordinario los observadores, europeos que vienen de paso, no han proclamado todavía es *el grande hecho que los actuales habitantes de la América, que hallaron salvajes ó semi-salvajes los contemporáneos de Colon, son el mismo hombre prehistórico de que se ocupa la ciencia en Europa, estando allí estinguido y aqui presente y vivo*, habiendo allá dejado desparramadas sus armas de sílex, mientras aqui las conservaba en uso exclusivo, con su arte de labrarlas, y con todas las aplicaciones que de tales instrumentos de piedra hacían. (...) *Al hablar, pues, de los indios, por miserable que sea su existencia y limitado su poder intelectual, no olvidemos que estamos en presencia de nuestros padres prehistoricos*, à quienes hemos detenido en sus peregrinaciones é interrumpido en su marcha casi sin accidente perturbador á través de los siglos. (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 37. Grifos meus).

Como podemos observar a partir do trecho acima, Sarmiento vê nos indígenas de seu próprio tempo seus “pais pré-históricos”. Ao fazê-lo, por um lado ele positiva a tese monogenista segundo a qual a espécie humana remonta a uma mesma origem, a um tronco comum, a um mesmo “homem pré-histórico”. Por outro, nega a contemporaneidade dos indígenas americanos, afirmando serem eles exemplares já há

muito extintos na Europa. Afirma ainda, de modo bastante contundente, o distanciamento temporal entre as raças nativas da Europa e da América, reportando-se a uma “marcha” dos povos indígenas que se daria através dos séculos. Assim, em que pese a existência de uma mesma origem, Sarmiento parece abraçar a ideia da existência de ramificações no desenvolvimento humano, as quais partiriam de um tronco comum, praticamente indiferenciado, em direção a um processo de complexificação e diferenciação nas etapas “superiores” da evolução.

Deve-se notar que a temporalização do conceito de raça pressupõe em *Conflicto y armonías* uma espacialização, na medida em que Sarmiento situa temporalmente os países da América do Sul como atrasados frente aos Estados Unidos da América, nação que, em sua análise, seria a presentificação do futuro e do progresso. Como dito anteriormente, é a partir de diferentes formas de relação entre as raças durante os processos de colonização que Sarmiento explica a desigualdade no desenvolvimento das colônias anglo-saxãs e espanholas. Essa distinção entre espanhóis e ingleses pressupõe hierarquias e clivagens no interior da mesma raça branca no que diz respeito às experiências temporais. Os espanhóis seriam ainda medievais, atrasados em seu processo evolutivo pelas ações da inquisição, que extirpou daquele território as novas ideias, isolando-os ainda no período medieval e estagnando-os no tempo (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 148). Aqui a parcela atrasada da raça branca vai se misturar à raça nativa também parada no tempo. Já os anglo-saxões, em seu entendimento, não tiveram interrupções em seu processo evolutivo, acompanharam as novas ideias políticas e religiosas, abraçaram a liberdade individual e o *self government* e, com eles, atingiram a Modernidade (SARMIENTO, 1900, Tomo XXXVII, p. 158). E ao chegarem ao novo continente não se misturaram com as raças nativas. Nota-se, portanto, uma assincronicidade entre ingleses e espanhóis, que em princípio constituem parte de uma mesma raça.

Utilizando os termos de Koselleck, para Sarmiento, o que explica a não simultaneidade ou o atraso da hispano-américa em tornar-se contemporânea ao desenvolvimento norte-americano, é precisamente o processo de miscigenação racial empreendido pelos conquistadores espanhóis, eles próprios ainda presos no medievo e,

portanto, menos desenvolvidos quando comparados aos ingleses. Essa seria uma experiência da “simultaneidade do não simultâneo”, ou da “sincronicidade do assíncrono”, que caracteriza a comparação entre os colonizadores ingleses e espanhóis, aqueles já modernos e estes ainda medievais.

A ideia de espacialização também aparece quando Sarmiento aponta para as singularidades da condição temporal argentina frente aos demais países sul-americanos. Ao comparar a Argentina com as demais nações sul-americanas, singularizando-a, Sarmiento a coloca em uma espécie de posição intermediária: atrás das nações europeias e, sobretudo, dos Estados Unidos, mas à frente dos demais territórios da América espanhola, alguns dos quais em franco retrocesso, retornando inclusive “aos tempos coloniais”. A Argentina seria o exemplo de superação – ainda que parcial – das enfermidades provocadas pelas forças do atraso e do passado que se exprimem, principalmente, na presença contemporânea do indígena. Parece bastante evidente o esforço de Sarmiento em projetar a Argentina como uma espécie de futuro possível para as demais nações sul-americanas. Ao fazê-lo, ele parece atribuir àquele país uma condição específica no tempo histórico. Não parece fortuita a aproximação entre a Argentina e os Estados Unidos, a nação que, em suas formas de figurar o tempo, aparece como o futuro exemplar das demais. Aqui parece haver um evidente esforço de legitimar seu próprio país e, conseqüentemente, seu próprio legado como líder político e intelectual.

Assim, tratando do tempo em dois planos, o das raças e das nações, que embora diretamente articulados não são propriamente coincidentes, Sarmiento não se limitou a traçar a “fisionomia” dos povos sul-americanos como um todo homogêneo. Também internamente àquele espaço geográfico, ele percebia traços distintivos significativos, que o faziam, em certo sentido, ver na nação argentina uma fisionomia própria. Em sua nação de origem, parecia haver o vislumbre de um “horizonte de expectativas” mais aberto e potencialmente próspero que nos demais países sul-americanos, “impotentes” e “inertes”, presos a um passado que parecia resistir a se tornar ultrapassado. Em *Conflicto*, portanto, a espacialização do tempo, orientada a partir de critérios raciais, assim como o estabelecimento de clivagens internas às raças, produz também uma categorização temporal que hierarquiza as nações e que atribui sentido às suas assincronias.

Pode-se concluir que em *Conflicto y armonías* Sarmiento não limita o conceito de raça a seus sentidos estritamente biológicos, étnicos e científicos, mas assume também um forte significado histórico-cultural. A raça é convertida no principal fator de hierarquização entre os indivíduos e grupos sociais e a América é pensada como um grande laboratório racial, como o lugar onde se dá o conflito e a harmonia entre as raças.

Deve-se notar que assim como no subtítulo do *Facundo*, no qual Sarmiento utiliza o aditivo *e* para apresentar sua famosa dicotomia entre civilização e barbárie, também em *Conflicto* ele lançará mão do aditivo *e* no título para defender que a hispano-américa é o lugar do conflito, mas é também o da possibilidade da harmonia entre as raças. A herança espanhola do catolicismo, da inquisição e do feudalismo, potencializada pela mestiçagem do espanhol com a raça inferior indígena são apresentados como conflitos, e a harmonia está na possibilidade de superá-los. Alternam-se assim uma visão determinista, pessimista e evolucionista da raça, com a fé na imigração e na educação como solução para os problemas argentinos e hispano-americanos. Trata-se de elaborar o passado e o presente para, à luz do cientificismo racialista, modificá-los apontando para um futuro distinto, moderno, civilizado e novo.

### Fontes e Referências Bibliográficas

ALBERTO, Paulina L. and ELENA, Eduardo. *Rethinking race in modern Argentina*. New York: Cambridge University Press, 2016.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARBUJANI, Guido. *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto, 2007.

BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana. Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo*. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1997.

FUNES, Patricia; ANSALDI, Waldo. *Patologías y rechazos: el racismo como factor constitutivo de la legitimidad política del orden oligárquico y la cultura política latinoamericana*, 1991. Disponível em: [www.catedras.fsoc.uba.ar/udishal/art/patologiasyrechazos.pdf](http://www.catedras.fsoc.uba.ar/udishal/art/patologiasyrechazos.pdf) Acesso em: 25 nov. 2021.

GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascínio das raças*. São Paulo: Annablume, 2007.

GOUVEA, Regiane Cristina. *América Latina enferma: racismo e positivismo no pensamento político latino-americano em fins do séc. XIX e início do XX*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2016.

FABIAN, Johannes. *O Tempo e o Outro: Como a antropologia estabelece seu objeto*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Proyecto y construcción de una nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Editora Espasa Calpe Argentina S.A./Ariel, 1995.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. Tempo, História e Escrita da História: a ordem do tempo. *Revista de História*, n. 148, vol. 1, p. 09-34, 2003.

HELG, Aline. “Race in Argentina and Cuba, 1880-1930: Theory, Policies and Popular Reaction” in: GRAHAM, Richard (ed.). *The idea of race in Latin America, 1870-1940*. Austin, Texas: University of Texas Press, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: UNESP, 2006.

INGENIEROS, José. “Las ideas sociológicas de Sarmiento” in: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonías de las razas en América*. México; Argentina; España: Ediciones Akal, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro do passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estratos do tempo: estudos sobre História*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2014.

LAMBORGHINI, Eva, GELER, Lea y GUZMÁN, Florencia. Estudos afrodescendentes na Argentina: novas perspectivas e desafios em um país «sem raças». *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.27: 67-101, julio-diciembre 2017.

LORENZ, Chris; BEVERNAGE, Berber (orgs.). *Breaking up time. Negotiating the borders between present, past and future*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.

MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça como questão. História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2010.

MYERS, Jorge. “Representations of the Nation: Language, History and Politics in the Elaboration of an Argentine Identity 1840-1880”. Texto apresentado no Congresso de Americanistas, Chile, 2003.



\_\_\_\_\_; BATTICUORE, Graciela; GALLO, Klaus (orgs.). *Resonancias románticas: ensayos sobre historia de la cultura argentina 1820-1890*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

PALTI, Elías. *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos. Política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852 – 1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.

PRADO, Maria Ligia. *América Latina no século XIX. Tramas, telas e textos*. São Paulo: EdUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

QUIJADA, Monica. “De mitos nacionales, definiciones cívicas y clasificaciones grupales. Los indígenas en la construcción nacional argentina, siglos XIX a XXI” in: ANSALDI, Waldo (coord.). *Calidoscópico Latinoamericano. Imágenes históricas para un debate vigente*. Buenos Aires: Ariel, s/d.

QUIJANO, Aníbal. “Qué tal Raza”. *América Latina en Movimiento*, No. 320, 1999. Acesso em 22 de agosto de 2011.

SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Civilização e barbárie. A construção da ideia de nação Brasil e Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2012.

SARMIENTO, Domingo F. *Conflicto y armonías de las razas en América*. Tomos XXXVII e XXXVIII. *Obras Completas de D. F. Sarmiento*. Buenos Aires: Imprenta y Litografía Mariano Moreno, 1900.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonías de las razas en América*. México; Argentina; España: Ediciones Akal, 2016.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEIXLACK, Alessandra Gonzalez de Carvalho. “Discursos políticos sobre a raça indígena na Argentina: Domingo Faustino Sarmiento e o conflito das raças na América” in: CASTRO, Fernando Luiz Vale e ASCENSO, João Gabriel da Silva (orgs.). *Raça. Trajetórias de um conceito. Histórias do discurso racial na América Latina*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014.

STAROBINSKI, Jean. *As Máscaras da Civilização: Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

TÉRAN, Oscar. *Vida intelectual en el Buenos Aires fin de siglo (1880-1910)*. México; Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2000.

TURIN, Rodrigo. *Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.



ZIMMERMAN, Eduardo. "Racial Ideas and Social Reform: Argentina, 1890-1916". *Hispanic American Historical Review* 72:1, 1992, Duke University Press C. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article/72/1/23/146321/Racial-Ideas-and-Social-Reform-Argentina-1890-1916>. Acesso em: 12 dez. 2021.